

Indústria da catástrofe

A projeção feita pela Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), da Universidade de São Paulo, de que a inflação de outubro poderá passar da marca dos vinte por cento fez renascer, neste fim de semana, o fantasma da hiperinflação. As atuais circunstâncias são bastante diversas daquelas existentes no final de 1989 e nos dois primeiros meses do ano passado, quando os índices realmente se tornaram explosivos. Nada indica que tal situação possa se repetir.

Antes de mais nada, é preciso ter em mente que o déficit público, à época, era cinco vezes superior ao que se registra hoje. Estávamos no final de uma administração e havia uma grande expectativa quanto às medidas financeiras duras que seriam adotadas. Havia um clima de salve-se quem puder. O secretário de Política Econômica, Roberto Macedo, comentando este assunto, disse que naquela época o Governo era obrigado a aceitar os juros impostos pelo sistema financeiro. Agora, a situação é inversa, segundo Roberto Macedo, porque esta semana o Banco Central recusou-se a pagar juros mais altos, como pedia o mercado.

A elevação do índice inflacionário, para um patamar de vinte por cento, era previsível, dentro das atuais circunstâncias. Antes de mais nada, resulta da desvalorização recente do cruzeiro. De outro lado, é consequência também da sanha remarcatória que atinge vários setores da economia, que tentam recuperar num mês de preços liberados possíveis perdas que alegam ter tido no passado.

Na verdade, as remarcações abusivas forçaram o Governo a recuar na sua política de liberar todos os preços. Há muitos setores da economia nacional que se mostram incapazes de viver sem a tutela estatal. De qualquer forma, estes setores vêm sendo penalizados com a queda brutal nas vendas. A crise de consumo não é só — como querem certos empresários — decorrente da política de juros altos. Acontece que as pessoas, apesar da inflação elevada, estão preferindo deixar seus cruzados liberados no banco. Se os preços estivessem acessíveis, é provável que as pessoas trocassem a poupança pelo consumo.

O catastrofismo está em moda no Brasil dos nossos dias. Consultores, empresários e funcionários do Governo contribuem para ele com suas previsões pessimistas, que na maioria das vezes não se concretizam. Como o País vem engolfado nesta crise há uma década, a população, naturalmente, deixa-se contaminar pelo desânimo, descrê da possibilidade de uma saída. O catastrofismo renasce todos os finais de semana, na central de boataria que dá lucro a muita gente.

O Brasil é um País de dimensões continentais, grande mercado interno e incontestável capacidade industrial e agrícola. Passa no momento por uma crise que resulta, acima de tudo, do doloroso processo de ajustamento que sofre para entrar na economia de mercado. Sem ufanismo, ele tem condições objetivas de enfrentar e superar este desafio.